

OS BENEFÍCIOS DA TERAPIA ABA (ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA) NO TRATAMENTO DE UMA CRIANÇA AUTISTA

GLÁUCIA SCHOLDZ RODRIGUES¹; GABRIELA CAMPELO²

¹*Universidade Federal de Pelotas – glau_22sr@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – gabrielaccampelo@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Em 1943 Leo Kanner, psiquiatra austríaco, escreveu a obra “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”. Nela, descreveu um grupo de onze crianças que tinham em comum “um isolamento extremo desde o início da vida e um desejo obsessivo pela preservação da mesmice, denominando-as autistas” ele usou o termo “autismo infantil precoce”, já que esses sintomas apareciam ainda na primeira infância. Kanner observou que o grupo de crianças respondia de maneira incomum ao ambiente incluía manejismos motores estereotipados, resistência à mudança ou insistência na monotonia, bem como aspectos não usuais das habilidades de comunicação, tais como a inversão dos pronomes e a tendência ao eco na linguagem – ecolalia. Ele contextualiza essas observações no desenvolvimento, assim como enfatiza a predominância dos déficits de relacionamento social e dos comportamentos incomuns.

O autismo é um transtorno do desenvolvimento humano que se manifesta nos primeiros anos de vida, tendo prevalência masculina. Este afeta as habilidades sociais, de comunicação e de comportamento (FIGUEIREDO, 2015). É um rótulo usado para crianças que exibem certos tipos de déficits e excessos comportamentais e de desenvolvimento. Na verdade, “autismo” é um diagnóstico observacional dado a um conjunto de comportamentos. Mais recentemente tem sido usado o termo “Transtorno do Espectro Autista”, reconhecendo-se que as crianças podem ter diferentes graus de comprometimento e, mais importante, que pode ser possível que as crianças “movimentem-se” ao longo do espectro, ou seja, que suas habilidades e comportamentos fiquem mais próximos do esperado para sua idade cronológica.

O desempenho ocupacional é a realização da ocupação, sendo influenciado pelo ambiente, o contexto, o cliente e a atividade (AOTA, 2015). O desempenho ocupacional é considerado satisfatório mediante a qualidade de vida, bem-estar e saúde da pessoa que o realiza. Alguns tipos de intervenções vêm sendo usadas no tratamento do autismo infantil com a finalidade de promover uma participação mais consistente no seu meio de convivência, baseadas em diferentes orientações teóricas e utilizando diferentes técnicas. A Terapia Ocupacional vem se mostrando presente como uma terapia essencial no tratamento de autistas, focando na melhora do desempenho ocupacional dessas crianças.

Uma das intervenções que o terapeuta ocupacional vem usando no seu repertório é a Análise do Comportamento Aplicada (Applied Behavior Analysis; abreviando: ABA).

Segundo o Manual de Treinamento ABA, para ensinar crianças com autismo, ABA é usada como base para instruções intensivas e estruturada em situação de um para um. Embora seja um termo que englobe muitas aplicações, as pessoas usam o termo “ABA” como abreviação, para referir-se apenas à metodologia de ensino para crianças com autismo.

Na Análise do Comportamento, trabalha-se com comportamentos que podem ser observados e modificados. Basicamente, com os eventos antecedentes e consequentes do comportamento na modificação do mesmo. Ela possui três principais braços: o Behaviorismo que trata da filosofia da ciência comportamental, a Análise Experimental do Comportamento que trabalha com pesquisas básicas de laboratório e a Análise do Comportamento Aplicada que envolve o desenvolvimento de tecnologia para se trabalhar em ambientes mais naturais, do dia-a-dia.

As intervenções em ABA são realizadas em contexto de pesquisa e ciência. Inúmeros são os estudos que dão suporte a essa prática, hoje esta é a única terapia com inúmeros estudos que comprova a real eficácia com pacientes autistas assim sendo custeada pelos Estados Unidos. Quanto às formas de intervenção, a Análise Aplicada do Comportamento, também conhecida como ABA (Applied Behavior Analysis), tem sido apontada como uma das mais eficazes; (Howard, Sparkman, Cohen, Green, & Stanislaw, 2005; Landa, 2007; Smith, Mozingo, Mruzek, & Zarcone, 2007) por isso, ela vem sendo amplamente utilizada, especialmente no tratamento de pessoas com autismo. Esse tipo de intervenção é feita de maneira estruturada, focando nos comportamentos alvo de intervenção, o que em sua maioria envolve comportamentos ligados à linguagem e comportamentos inadequados. Todo trabalho é feito de forma individualizada e intensiva.

2. METODOLOGIA

Foi realizado um estágio observacional e extracurricular por uma aluna do sétimo semestre do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade Federal de Pelotas. O local onde os atendimentos são realizados se trata de uma clínica particular onde o público alvo atendido atualmente são crianças de 2 a 6 anos, em sua maioria com diagnóstico de TEA (Transtorno do Espectro Autista). A Terapeuta Ocupacional que realiza os atendimentos na clínica possui curso de aprimoramento em ABA e é apta a aplicar as intervenções do método com os pacientes.

A paciente em questão se trata de uma menina, nascida no dia 23 de agosto de 2013, atualmente com 4 anos de idade, diagnóstico de TEA e indicação para intervenção através da Análise do Comportamento Aplicada. Foi realizada a avaliação funcional de comportamento e desenvolvimento. Os dados coletados foram feitos a partir de visita domiciliar, observação em ambiente natural, entrevista com os pais e ferramentas específicas do ABA.

A coleta de dados possibilita o treinamento específico para terapeutas e família nos procedimentos relacionados aos comportamentos que competem com seu desenvolvimento. A avaliação incluiu a análise dos comportamentos a serem reduzidos e/ou substituídos, análise da comunicação da paciente em diferentes operantes, procedimentos e estratégias. Incluiu também sugestão de quadro de terapias conjuntamente com necessidades que envolvam treinamento de equipe multidisciplinar.

A Terapeuta Ocupacional realizou uma anamnese com a mãe, com perguntas abertas sobre a rotina da criança e seu desenvolvimento. Concomitante a isto foi aplicado o Inventário de Avaliação Pediátrica de Incapacidade (PEDI), versão brasileira adaptada. O instrumento PEDI fornece informações sobre o desempenho funcional de crianças com idades entre 6 meses e 7 anos e 6 meses. O teste fornece informações quantitativas sobre o desenvolvimento infantil

e o processo de aquisição das habilidades funcionais e independência necessária para o desempenho de atividades e tarefas da rotina diária das crianças.

As sessões dão-se diariamente, em um total de 40 horas semanais de terapia, conforme o protocolo de aplicação de ABA.

Na primeira avaliação a paciente teve como pontuação no autocuidado: escore normativo: 30,2; escore padronizado contínuo: 57,88; na área de mobilidade: escore normativo: 21,5; escore padronizado contínuo: 56,26; na área de função social: escore normativo: 26,3; escore padronizado contínuo: 53,28.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados encontrados deixam claro a eficácia da aplicação de ABA em crianças TEA. A paciente teve melhora significativa em todas as áreas avaliadas da PEDI, no autocuidado: escore normativo: 53,5; escore padronizado contínuo: 84,23; na área de mobilidade: escore normativo: 55,8; escore padronizado contínuo: 68,21; na área de função social: escore normativo: 49,6; escore padronizado contínuo: 73,89.

Os achados corroboram com a literatura que diz que As técnicas de modificação comportamental têm se mostrado bastante eficazes no tratamento, principalmente em casos mais graves de autismo. Para o analista do comportamento, ser terapeuta significa atuar como educador, uma vez que o tratamento envolve um processo abrangente e estruturado de ensino-aprendizagem ou reaprendizagem (Windholz, 1995).

O estudo clássico de Lovaas (1987) apresenta dados relevantes sobre a eficácia da utilização da ABA na intervenção a crianças com autismo. Em sua pesquisa foram selecionadas 59 crianças que foram distribuídas em grupo experimental e grupo controle. As crianças do grupo experimental receberam tratamento intensivo (mais do que 40 horas semanais) e individualizado (um terapeuta para uma criança); as crianças do grupo controle receberam tratamento de 10 horas ou menos semanais, no mesmo modelo um para um, além de receberem uma variedade de tratamentos de outras fontes da comunidade. Os grupos receberam o tratamento por dois ou mais anos. Os dados demonstraram que 47% das crianças pertencentes ao grupo experimental passaram com sucesso pela primeira série em escola pública, apresentando funcionamento compatível com o típico da idade. Apenas 2% dos participantes pertencentes ao grupo controle foram considerados com funcionamento de acordo com o característico da idade (Sallows & Graupner, 2005). Estudos posteriores apontaram para resultados semelhantes aos obtidos pela pesquisa de Lovaas em 1987, os quais demonstraram que o tratamento comportamental pode produzir ganhos duradouros e significativos para crianças com autismo (McEachin, Smith, & Lovaas, 1993; Sallows & Graupner, 2005).

O sucesso do ensino está relacionado a diversos fatores e dentre eles estão, principalmente, a intensidade de sua aplicação (40 horas semanais) e a precocidade (antes dos 4 anos).

4. CONCLUSÕES

Apesar dos ótimos resultados e benefícios, há um custo da intervenção que ainda não é oferecido pelo SUS (Sistema Único de Saúde), sendo apenas causas ganhas na justiça ou atendimentos particularres, não estando acessível à todos pacientes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AOTA. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo. **Revista Terapia Ocupacional Universidade de São Paulo.** São Paulo, v.26, n.7, p.1 – p.49, 2015.

FIGUEIREDO, J. O autismo infantil: uma revisão bibliográfica. **Rev. COFEN**, São Luís, v.1,n.1, p.1 – p.39.

Ferreira, L. A. Ensino conceitual em ABA e treino de ensino por tentativas discretas para cuidadores de crianças com autismo. Dissertação de mestrado. **Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará**, 2015.

LEAR, K. Um Programa de Treinamento em ABA (Análise do Comportamento Aplicada) em ritmo auto-estabelecido. **Training Manual**, Canadá, v.2, n.2, p.1 – p.152, 2004.

Lovaas, O. I. Behavioral Treatment and Normal Educational and Intellectual Functioning in Young Autistic Children. **Journal of Consulting & Clinical Psychology**, v.55, p.3-p.9, 1987.

Lovaas, O. I. The Development of a Treatment-Research Project for Developmentally Disabled and Autism Children. **Journal of Applied Behavior Analysis**, v.26, p.617- p.630, 1993.

Sallows, G. O., & Graupner, T. D. Intensive Behavioral Treatment for Children with Autism: Four-Year Outcome and Predictors. **American Journal of Mental Retardation**, v.110, p. 417-p.428, 2005.

Terapia ABA. Transgênicos. Luiza Guimarães Digital, Porto Alegre, 2016. Acessado em 9 out. 2017. Online. Disponível em: <https://www.terapiaaba.com.br/o-que-e-aba>